0055

Amores em carnavais

Mistério dos papangus

HUGO MONTEIRO FERREIRA E LENICE GOMES

ILUSTRAÇÕES DE
GRAÇA LIMA



REVISADO CONFORME A NOVA ORTOGRAFIA

Paulinas

A Maria Clara,
A Josete,
A Nicinha,
A Naleide,
A Nem e
A Fabiana.

HUGO MONTEIRO FERREIRA

A Luiz Marcelo Correia e
Eronildes Gomes (*in memoriam*).
Ao meu filho Luiz Marcelo Junior,
que sempre quis ver esta história
transformada em livro.

LENICE GOMES



Às vezes, pelo meio das ruas, aparecem criaturas, vestidas com máscaras, dançando ao ritmo, cantando aos ventos, saltitando aos modos, pintando as caras, dizendo os versos das cantorias da alma, da cor, do sangue e da razão: são os papangus.

Menino, vem pra rua!
Aí vem o papangu,
Mascarado,
Escondido.
Aí vem o papangu,
Todo vestido da cabeça até os pés.
Quem é o papangu?
Você é, você é!



Mariá quis saber se era certo o que uma cigana lhe dissera. Mas certeza de amor é coisa rara em todo tempo.

Ir pra Bezerros conhecer os papangus era sonho já antigo.

De malas prontas, desejo claro, aportou em terras dançantes.

Já na chegada, viu um menino, mudo, pedindo ajuda em desespero.

Em meio ao susto soube que o menino, vindo de longe, ouvira dizer que na cidade estava o pai que o deixara pequeno, entregue ao vento, ao esquecimento e ao desassossego.

– Fique assim não, menino. No meio desta festa, escondido por trás das máscaras, pode estar teu pai. Se você tem certeza, quem sabe não é só um jeito de esconder, de dizer que há amor, que há carinho por você.

Laurindo, sem palavra, com olhar de esperança se abraça a Mariá na certeza de que, agora, com amiga crescida, encontrará em Bezerros o seu pai, a sua vida.

– Agora vá, volte mais tarde. Juntos vamos à procura de teu pai e de minha sina, que, ao contrário de muitas, é registro de contentamento.

Ao som dos batuques, enfeitadas pelas máscaras, nas ruas de Bezerros, terra dos papangus, o Carnaval imperava!

Mariá, vinda do Rio, terra dos mares mil, queria compreender a magia daquele folguedo.

De longe, o ritmo da música insinuava a resposta que a moça queria:

– Será que a cigana tinha razão? No meio da dança, encontrarei meu amor? E o pai de Laurindo? A vida é tão simples e fácil quanto uma rima de alegreto?

Trajando veste de ouro brilhante, dançando igual boneco de Olinda, com pés de vento, vinha vindo Jacinto, homem encantado. Parecia abraçar o mundo.

– Diga lá, compadre Jacinto, qual a novidade?

– Tem nova não, Simão, é a mesma de toda vida: ando à procura de amor para enfeitar o meu destino. Ando cansado de viver sozinho. Quero aconchego, criar o menino que esqueci. Quero poder acordar abraçado, dizer palavras de carinho e aquietar cedo meu reisado.

– Vige Maria, as moças de Bezerros vão é ficar contentes! O que não falta é pretendente pra rapaz desse valor. O compadre é homem honesto, raro de encontrar. Sorte de quem com vosmecê se arrumar. Meu amigo, juro que, com o encanto que lhe deram, não é impossível compromisso.

– Fácil não é, amigo Simão, porém, de que adianta respirar, se não se pode viver amor em nossa lida? Quero poder dizer a alguém segredos de minha dança, de minha terra, da alma.

– Pelo que entendi o compadre quer moça de fora. Aqui mesmo não tem mulher no capricho?

– Tem, e muitas, meu amigo. Não escolho geografia. O que importa é o que é visto pelo coração, invisível aos olhos. Entende?

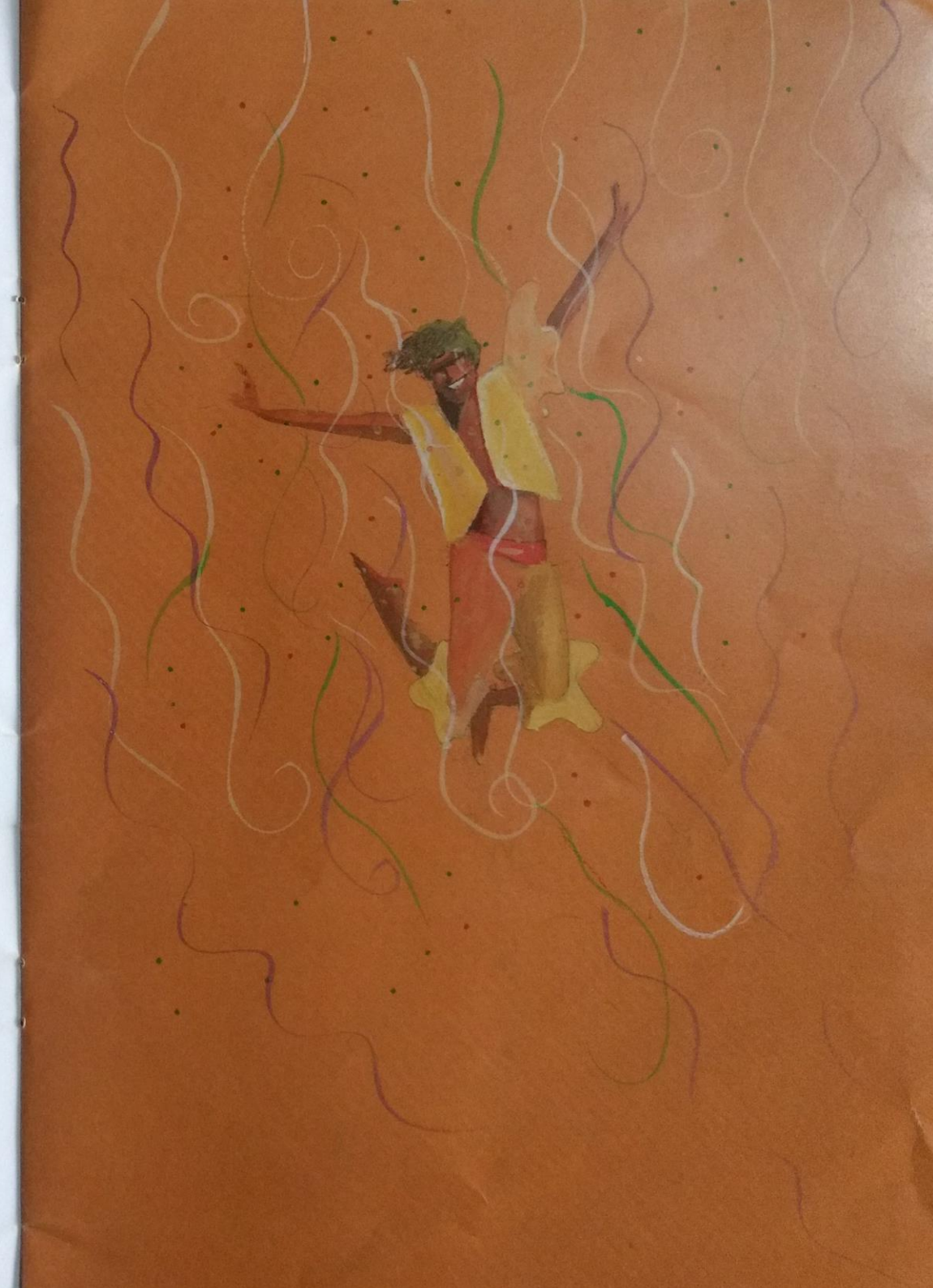
– Como assim, compadre?

– Para um amor ser verdadeiro e durar por toda a vida, é preciso ser inteiro, ser sincero. Amor de marinheiro, com gosto de tanta gente, não me agrada. O que penso é sentimento singular, escrito em lapim de pá.

– Lapim de pá?

– É escritura sagrada. Feita em material não-mutável.

– Amor com tal tamanho é difícil em mundo humano, meu compadre.



– Pode ser, mas é bom tecer esperança. A conversa está animada, mas preciso seguir caminhada. Amanhã, sábado de Zé Pereira, quero usar máscara que só Lula Vassoureiro sabe fazer.

Jacinto, do mesmo jeito que chegou, saiu rápido e reluzente. Moço forte, bonito e exigente. Diz que foi encantado com pó de todas as cores.

Enquanto isso, do outro lado da rua, Mariá e Laurindo se encontraram. Cansado, o menino deitou a cabeça no corpo suado de Mariá. Estavam exaustos. Ela, pelas fotos tiradas mostrando imagens belas: papangu desfilando aos hinos de Carnaval.

Bezerros, só barulho e risadagem. Gente pequena, gente grande. Nessa hora, que importa idade?

No meio da praça, vendendo caldo de cana, cantando palavras roubadas, Elza, iluminada, gritou:

– Vem chegando uma troça. Corre, pessoal, vão tocar *Vassourinhas*. Vamos cair na folia! Enquanto a música viver, vou ser Elza, a rainha, a vendedora do melhor caldo de cana de Bezerros. Mas, depois da frevança, volto pro barraco e outra vez sou Elza, a mulher cheia de meninos e roupa na bacia.

Motivada com a cena, Mariá tirou fotografias do sorriso de Elza. Atenta à falação da vendedora, lembrou-se das mulheres do Rio, que, no Carnaval, descem o morro e são rainhas, princesas, deusas... Passados os quatro dias, voltam às lidas diárias.

Laurindo, já refeito da caminhada, levantou-se e decidiu cair na dança.

Mariá, tomada pela euforia do menino, esqueceu o amor advindo e mergulhou na alma do frevo.

Alguém anunciou:

— Olha, Elza, acabou de chegar. É o frevo dos encantos. Venham cá! É gente amando, gente sorrindo, gente dizendo a boa sorte.





Abram alas, queridos foliões,
Que vai passar o alegre bando
Trazendo mil recordações.
Deixando o povo com prazer cantando
A canção que faz lembrar
Passados carnavais nas fantasias tradicionais.

– Ei, Laurindo, me espere na barraca lá de dona Elza. Depois venho te buscar – disse Mariá como se atendesse a um chamado.

O bloco veio arrastando uma multidão. Jacinto e Simão continuavam a conversa sobre o amor esperado...

– Falam que pra lá da Serra Negra existe uma mulher linda de mexer com a alma. Quero saber quem é essa e ver se me agrada.

– O compadre é louco, não? Quem se aventura a ir tão longe? Quem se arrisca a ir tão longe? Aqui, no meio desse folguedo, tem moçoila muito formosa.

– Não quero de qualquer jeito. E, sim, de um jeito só meu!

– Mudando de conversa, me diga se é possível, hoje, sábado de Carnaval, o compadre não sair no Bloco dos Adivinhos?





– Claro! Sou de Zé Pereira. Quando papangu sai sob as estrelas de Momo, sinto energia na alma, quero dançar por toda a vida. Quero é ser feliz!

Longe, sem que os dois amigos percebessem, lá vinha a troça:

Viva Zé Pereira!
Viva Juvenal!
Viva Zé Pereira
No dia do Carnaval!...

Tomada pela reverência dos sons, embalada entre os sonhos, Mariá viu se aproximar homem de máscara sem igual: o papangu. Então, ele falou baixinho ao seu ouvido:

– Quer vir comigo?

Mariá não resistiu ao convite. Entrou pelo meio do povo e ao lado do mascarado sentiu amor.

– Quem é você? – perguntou Mariá, tentando desvendar o que lhe estava acontecendo.

– Ah, deixa pra lá. Vamos frevar. A vida é curta e o tempo é um sopro!

Na alegria das alegorias, Mariá soltou os cabelos e dançou pelas ruas de Bezerros.

Os foliões, maravilhados, sentiram que o entusiasmo daquela mulher tinha a ver com sentimento despertado. O papangu, em alumbramento por baixo do segredo, fazia sinal de que seu sonho, naquele instante acordado, carecia de flor e bilhetinho.

Mariá ficou inquieta quando as mãos se tocaram. Ele lhe entregou flor.



Foi então que, ao som das troças, veio a canção:

Menino, vem pra rua!
Aí vem o papangu,
Mascarado,
Escondido.
Aí vem o papangu,
Todo vestido da cabeça até os pés.
Quem é o papangu?
Você é, você é!

Querendo viver o instante, Mariá caiu no passo. De repente, viu sumir de seu traço o mascarado que lhe fez enamorada. Ficou sem compreender como alguém vem e vai sem nada dizer.

Jacinto não arriscou, mas o coração quis fazer marcação. Afastou-se da multidão e retirou a máscara. Viu na imagem do espelho a certeza de que seu dia de amor chegara. E ele muito firme profetizou:

– Aquela a quem entreguei flor e bilhetinho será minha amada para toda a vida.

Não havia dito adeus. Passado o susto da hora, sabia que a partir de agora seu coração estava preso aos laços do amor. Mariá é seu nome.

– Sinto que vem de terras tantas como se fosse a estrela cadente. Será que ela me quer sem máscara?

A dúvida atingiu Jacinto. Sentia que encontrara joia sem igual. E quando descobrisse quem ele era? Só sabe as razões do amor quem a ele se entrega sem medo.

Mariá não entendia por que, de repente, o homem mascarado havia ido embora.



Quando se deu conta, não havia mais ninguém. Só ela, a flor e o bilhetinho.

Aí, pensou: "Amores vêm, amores vão".

No entanto, desta vez sua dor era mais forte, mais contida. Nisso se lembrou de Laurindo e de que o havia deixado na barraca do caldo de cana de Elza. Decidiu correr. Lá chegando, descobriu que ele não estava mais. Ficou desarrumada. Saiu à procura do menino e, de longe, avistou alguém que veio aproximando-se, vestido da cabeça aos pés. Deu beijo em Laurindo, disse-lhe coisas miúdas e aos pouquinhos foi indo, indo...

Era o pai? Não sabia. Laurindo pensava que até Mariá o havia abandonado.

Era sozinho no destino. Sozinho na sina.

À espera de outro encontro, Mariá e Jacinto foram às ruas. Logo aos primeiros passos pensaram que jamais voltariam a se encontrar. A vida já lhes dera chance. Dançaram durante o dia e a noite. Mariá queria ver Laurindo, que mais uma vez sumira da sua vista.

O papangu encantado sumiu como nos contos de fada. Jacinto buscou de toda forma encontrar a amada. O medo veio chegando e fez a desesperança aportar.

Mariá saiu da folia. Seguiu pela calçada. Sentiu cheiro de flor. Olhou para o lado, era Laurindo, como se pedisse amor.

Ela, num tom carinhoso, disse:

– Andei a cidade toda a sua procura. Pensei que nunca mais veria você.

Laurindo fazia alegria. Mais gestos de carinho e de confiança.



– Vamos à procura de teu pai. Se não o encontrarmos, seguirá comigo na viagem. Somos iguais: sozinhos.

Laurindo apertou Mariá e foram juntos para a pensão. No caminho, Mariá quis mais umas fotos. Na calçada da igreja, de longe, viu sentar um homem mascarado que parecia chorar. Querendo ajudar se achegou:

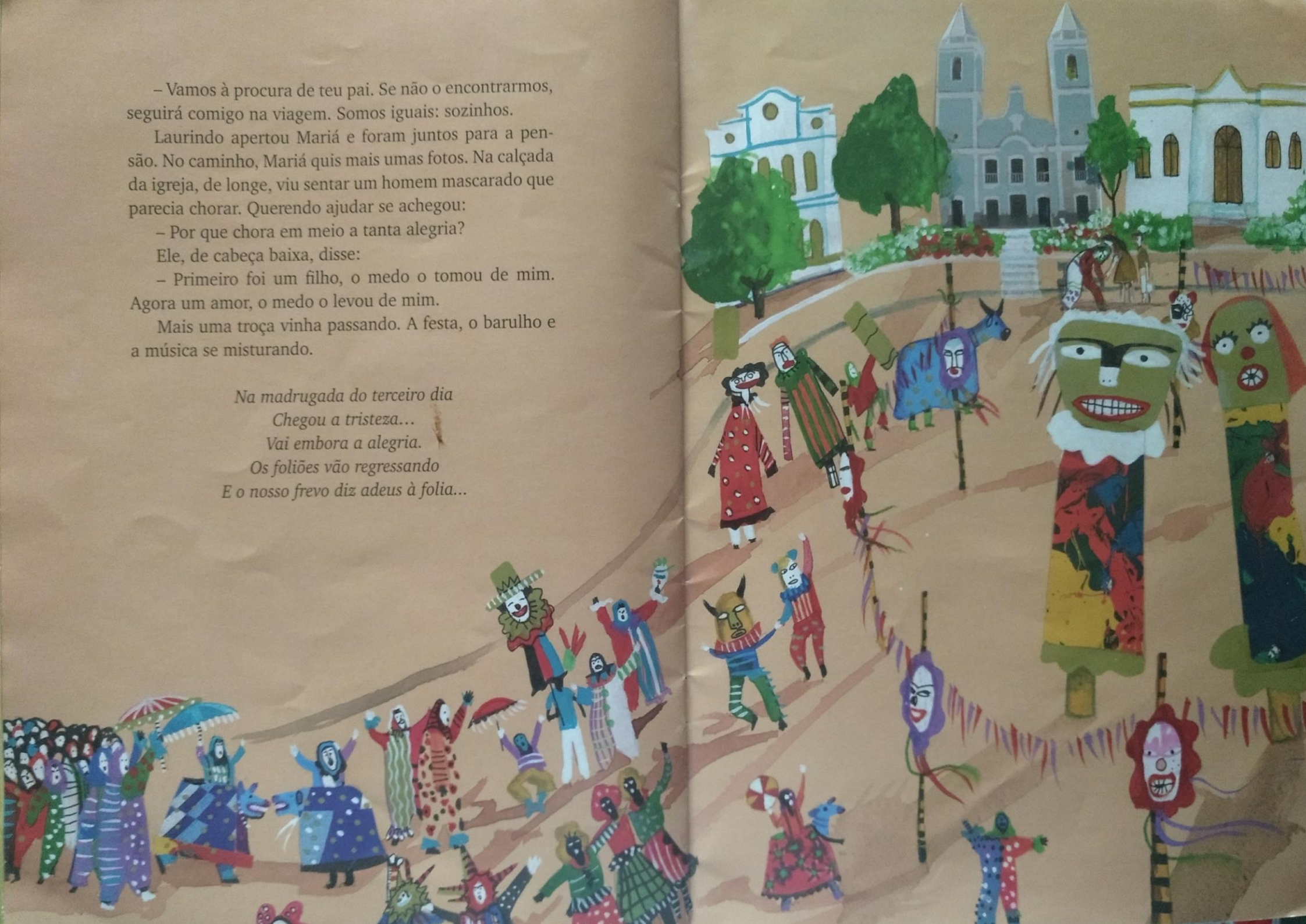
– Por que chora em meio a tanta alegria?

Ele, de cabeça baixa, disse:

– Primeiro foi um filho, o medo o tomou de mim. Agora um amor, o medo o levou de mim.

Mais uma troça vinha passando. A festa, o barulho e a música se misturando.

Na madrugada do terceiro dia
Chegou a tristeza...
Vai embora a alegria.
Os foliões vão regressando
E o nosso frevo diz adeus à folia...



Ao perceber que aquela voz lhe era familiar, Mariá apertou-lhe as mãos.

– Não tenha medo, papangu, a vida é uma ciranda.

Era Jacinto o homem que chorava. Laurindo o olhou bem nos olhos. Viu-se grande. Tão parecido!

Mariá sentiu vibrar seu coração:

– Será que o pai é também o amor?

Nessas terras de encanto, outra coisa é que não era. Pois Jacinto era sim o pai de Laurindo. Mariá era a moça do seu aconchego.

Os três se encontraram numa terça-feira de Carnaval, entre confetes e serpentinas, ao som dos passos vendo a festa desaparecer.

Um acorde soou:

Se eu pudesse lhe daria
O céu, a terra e o mar.
Mandaria pratear toda a avenida
Pra ver você passar.

Mariá, em segredos, sussurrou:

– A cigana estava certa.

Em Bezerros se encontraram *amores, carnavais, papangus*.







51454-3

HUGO MONTEIRO FERREIRA

Quando eu era menino, ouvia: "Menino, sai da rua, aí vem o papangu, mascarado, escondido... aí vem o papangu...".

Sentia um medo bom. Explico: medo bom é aquele que faz com que a gente corra à procura de carinho e proteção. Hoje, tempos depois, espero que as crianças tenham para quem correr no momento em que o papangu vem. Ele sempre vem. E é bom que ele venha "... todo vestido da cabeça até os pés"... Venha certo de que as crianças o esperam com o coração batendo, com o coração alegre, curioso e seguro, posto que sabem que terão dos adultos carinho e proteção.

LENICE GOMES

Mariá é uma personagem que veio vindo e ficou em mim. Ela veio do Rio à procura de um amor. Em Bezerros, terra dos papangus, ela encontrou o mascarado, o escondido. Eu, andarilha que sou, também vivo à procura de amores. Tenho tantos. Quero ainda mais. Amor nunca é muito. Amor sempre é bom. Acho que escrevi este livro porque queria partilhar com vocês amores em flores que me acompanham há tempos. Quando eu era menina, lá em Jupi, ouvia: "Menina, sai da rua, aí vem o papangu". Eu corria para o meu pai e ele dizia: "Fica aqui... aqui você tá comigo". Era bom estar com ele!



GRAÇA LIMA é carioca, formada em Comunicação Visual pela Escola de Belas-Artes (UFRJ), com mestrado em *Design* (PUC-Rio). Desde muito pequena, as formas e as cores da natureza a fascinavam e formaram pouco a pouco seu repertório visual. Ela adora contar histórias com palavras e desenhos. Já recebeu muitos prêmios, mas, como ela mesma diz, "o meu maior prêmio é poder desenhar para você que está aí vendo o meu trabalho agora...".

Paulinas

Nossa Terra Nossa gente
Série Contação e Cantoria

ISBN 978-85-356-2345-1